



LIVRARIA LUSO-BRAZILEIRA

4-9 DE A. A. LOPES DO COUTO

30 RUA DA QUITANDA 30

Sortimento de livros classicos, Medicina,
Jurisprudencia, Sciencias, Artes, Litteratura,
Devoção, etc.

Encarrega-se de qualquer commissão de livros.

na n. RIO DE JANEIRO. n. n.





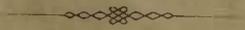
OS TYMBIRAS.

POEMA AMERICANO

POR

A. GONÇALVES DIAS.

CANTOS I—IV.



LEIPZIG:

F. A. BROCKHAUS.

1857.





OS TYMBIRAS.

OS TYMBIRAS.

POEMA AMERICANO

POR

A. GONÇALVES DIAS.

LEIPZIG:

F. A. BROCKHAUS.

1857.

Á MAGESTADE

DO MUITO ALTO E MUITO PODEROSO
PRINCIPE O SENHOR

D. PEDRO II

IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO
DO BRAZIL.

INTRODUÇÃO.

Os ritos semibarbaros dos Piagas,
Cultores de Tupan, e a terra virgem
Donde como d'um throno, emfim se abrirão
Da cruz de Christo os piedosos braços;
As festas, e batalhas mal sangradas
Do povo Americano, agora extincto,
Hei de cantar na lyra. — Evóco a sombra
Do selvagem guerreiro! Torvo o aspecto,
Severo e quasi mudo, a lentos passos,
Caminha incerto, — o bipartido arco
Nas mãos sustenta, e dos despidos hombros
Pende-lhe a rota aljava. as entornadas,
Agora inuteis setas, vão mostrando
A marcha triste e os passos mal seguros
De quem, na terra de seos paes, embalde
Procura asylo, e foge o humano trato.

Quem podera, guerreiro, nos seos cantos
 A voz dos piagas teos um só momento
 Repetir; essa voz que nas montanhas
 Valente retumbava, e dentro d'alma
 Vos ia derramando arrojo e brios,
 Melhor que taças de cauim fortissimo?!
 Outra vez a ehapada e o bosque ouvirão
 Dos filhos de Tupan a voz e os feitos
 E as poeemas de morte, levantadas
 Dentro do cireo, onde o fatal delicto
 Expia o malfadado prisioneiro,
 Q' enxerga a maça e sente a mussurana
 Cingir-lhe os rins a ennodoar-lhe o eorpo:
 E só de os eseutar mais forte accento
 Haverião de achar nos seos refolhos
 O monte e a selva e novamente os éehos.

Como os sons do boré, sôa o meo canto
 Sagrado ao rudo povo amerieano:
 Quem quer que a naturessa estima e présa
 E gôsta ouvir as empoladas vagas
 Bater gemendo as cavas penedias,
 E o negro bosque susurrando ao longe —
 Eseute-me. — Cantor modesto e humilde,
 A fronte não cingi de mirto e louro,
 Antes de verde rama engrinaldei-a,
 D'agrestes flores enfeitando a lyra;
 Não me assentei nos cimos do Parnaso,

Nem vi correr a lympha da Castalia.
Cantor das selvas, entre bravas mattas
Aspero tronco da palmeira escolho.
Unido a elle soltarei meo canto,
Em quanto o vento nos palmares zune,
Rugindo os longos encontrados leques.

Nem só me escutareis fereza e mortes:
As lagrimas do orvalho por ventura
Da minha lyra distendendo as cordas,
Hão-de em parte ameigar e embrandecel-as.
Talvez o lenhador quando acomette
O tronco d'alto cedro corpulento,
Vem-lhe tingido o fio da segure
De puro mel, que abelhas fabricarão;
Talvez tãoobem nas folhas q'engrinaldo
A acacia branca o seo candor derrame
E a flôr do sassafras se estrelle amiga.

CANTO PRIMEIRO.

Sentado em sitio eseuo deseaçava
Dos Tymbiras o chefe em tronco annoso,
Itajuba, o valente, o destemido
Acoçador das feras, o guerreiro
Fabricador das incansaveis lutas.
Seo pae, chefe tambem, tambem Tymbira,
Chamava-se o Jaguar: delle era fama
Que os musculosos membros repellião
A frecha sibilante, e que o seo craneo
Da maça aos tesos golpes não cedia.
Cria-se e em que não crê o povo stulto?
Que um velho piaga na espelunca horrenda
Aquello encanto, inutil n'um cadaver,
Tirara ao pae defuncto, e ao filho vivo
Inteiro o transmittira: é certo ao menos
Que durante uma noite juntos forão
O moço e o velho e o pallido cadaver.

Mas acertando um dia estar occulto
N'um denso tabocal, onde perdera
Traços de fera, que rever cuidava,
Seta ligeira atravessou-lhe um braço.
Mão d'imigo traidor a disparára,
Ou fôra algum dos seos, que receioso
Do mal cauzado, emmudeceo prudente.

Relata o caso, irreflectido, o chefe.
Mal crido foi! — por abonar seo dito,
Redobra d'imprudencia, — mostra aos olhos
A traiçoeira frecha, o braço e o sangue.
A fama vôa, as tribus inimigas
Adunão-se, annotinão-se os guerreiros
E as boccas disem: o Tymbira é morto!
Outras emendão: Mal ferido sangra!
Do nome do Itajuba se despega
O medo, — um só desastre venha, e logo
Esse encanto vae prestes converter-se
Em riso e farça das nações vizinhas!
Os manitós, que morão pendurados
Nas tabas d'Itajuba, que as protejão:
O terror do seo nome ja não vale,
Ja defensão não é dos seos guerreiros!

Dos Gamellas um chefe destemido,
Cioso d'alcançar renome e gloria,
Vencendo a fama, que os sertões enchia,

Sahio primeiro a campo, armado e forte,
 Guedelha e ronco dos sertões immensos,
 Guerreiros mil e mil vinhão traz elle,
 Cobrindo os montes e juncando as mattas.
 Com pejado carcaz de ervadas setas
 Tingidos d'urucú, segundo a usança
 Barbara e fera, desgarrados gritos
 Davão no meio das canções de guerra.

Chegou, e fez saber que era chegado
 O rei das selvas a propor combate
 Dos Tymbiras ao chefe. — „A nós só caiba
 (Disse elle) a honra e a gloria; entre nós ambos
 Decida-se a questão do esforço e brios.
 Estes, que vês, impavidos guerreiros,
 São meos, que me obedecem; se me vences,
 São teos; se és o vencido, os teos me sigão:
 Aceita ou foge, que a victoria é minha.“

Não fugirei, responde-lhe Itajuba,
 Que os homens, meos iguaes, encarão fito
 O sol brilhante, e os não deslumbra o raio.

„Serás, pois que me affrontas, torna o barbaro,
 Do meo valor tropheo, — e da victoria,
 Q'hei-de certo alcançar, despojo opimo.
 Nas tabas em que habito ora as mulheres
 Tecem da sapucaya as longas cordas,

Quo os pulsos teos hão-de arrochar-te em breve;
 E tu vil, e tu preso, e tu coberto
 D'escarneo e d'irrisão! — Cheio de gloria,
 Alem dos Andes voará meo nome!“

O filho de Jaguar surrio-se a furto:
 Assim o pae sorri ao filho imberbe,
 Que, despresado o arco seo pequeno,
 Talhado para aquellas mãos sem forças,
 Tenta d'outro maior curvar as pontas,
 Que vezes tres o mede em toda a altura!

Travarão luta fera os dois guerreiros.
 Primeiro ambos de longe as setas vibrão;
 Amigos manitôs, que ambos protegem,
 Nos ares as desgarrão. Do Gamella
 Entrou a frecha tremula n'um tronco
 E só parou no cerne; a do Tymbira,
 Ciciando veloz, fugio mais longe,
 Roçando apenas os frondosos cimos.
 Encontraõ-se os Tacápes, la se partem;
 Ambos o punho inutil regeitando,
 Estreitão-se valentes: braço a braço,
 Alentando açodados, peito a peito,
 Revolvem fundo a terra aos pés, e ao longe
 Rouqueja o peito arfado um som confuso.

Scena vistosa! quadro apparatuso!
 Guerreiros velhos, á victoria affeitos,

Tamanhos campeões vendo n'arena,
E a luta horrível e o combate acceso,
Mudos quedarão de terror transidos.
Qual d'aquelles heróes ha-de primeiro
Sentir o egregio esforço abandonal-o?
Perguntão; mas não ha quem lhes responda.

São ambos fortes: o Tymbira hardido,
Esbelto como o tronco da palmeira,
Flexível como a frecha bem talhada.
Ostenta-se robusto o rei das selvas;
Seo corpo musculoso, immenso e forte
É como rocha enorme, que desaba
De serra altiva, e cáe no valle inteira.
Não vale humana força desprendel-a
D'alli, onde ella está: fugaz corisco
Bate-lhe a calva fronte sem partil-a.

Separão-se os guerreiros um do outro,
Foi d'um o pensamento, — a acção foi d'ambos.
Ambos arquejão; descoberto o peito
Arfa, estúa, eleva-se, comprime-se,
E o ar em ondas soffregos respirão.
Cada qual, mais pasmado que medroso,
Se estranha a força que no outro encontra,
A mal cuidada resistencia o irrita.
Itajuba! Itajuba! — os seos exclamão.
Guerreiro, tal como elle, se descora

Um só momento, é dar-se por vencido.
 O filho de Jaguar voltou-se rapido.
 Donde essa voz partio? quem n'o aguilhõa?
 Raiva de tigre anuviou-lhe o rosto
 E os olhos cõr de sangue irados pulão.

„A tua vida a minha gloria insulta!
 Grita ao rival, e já de mais viveste.“
 Disse, e como o condor, descendo a prumo
 Dos astros, sobre o lhama descuidoso,
 Pavido o prende nas torcidas garras,
 E sóbe audaz onde não chega o raio
 Vôa Itajuba sobre o rei das selvas,
 Cinge-o nos braços, contra si o aperta
 Com força incrível: o colosso vérga,
 Inclina-se, desaba, cáe de chofre,
 E o pó levanta e atrõa forte os echos.
 Assim cáe na floresta um tronco annoso,
 E o som da queda se propaga ao longe!

O fero vencedor um pé alçando,
 Morre! — lhe brada — e o nome teo contigo!
 O pé desceo, batendo a arca do peito
 Do exanime vencido: os olhos turvos,
 Levou, a extrema vez, o desditoso
 Áquelles ceos d'azul, áquellas mattas,
 Doce cobertas de verdura e flores!

Depois, erguendo o esqualido cadaver
 Sobre a cabeça, horrivelmente bello,
 Aos seos o mostra ensangentado e torpe;
 Então por vezes tres o horrendo grito
 Do triumpho soltou; e os seos tres vezes
 O mesmo grito em côro repetirão.
 Aquella massa emfim vôa nos ares;
 Porém na dextra do feliz guerreiro
 Dividem-se entre os dedos as melenas,
 De cujo craneo marejava o sangue!

Transbordando ufania do successo
 Inda recente, recordava as phases
 Orgulhoso o guerreiro! Ainda escuta
 A dura voz, inda a figura avista
 Desse, que ousou atravessar-lhe as sanhas:
 Lembra-se! e da lembrança grato enlevo
 Lhe côa n'alma em fogo: longos olhos,
 Em quanto assim medita, vae levando
 Por onde o céu e as selvas se confundem,
 Por onde o rio em tortuosos gyros,
 Queixoso lambe as empedradas margens.
 Assim o jugo seo não escorjassem
 Trédos Gamellas c'o a nocturna fuga!
 Perfidos! o heróe jurou vingar-se;
 Tremei! qu'ha-de o valente debellar-vos!
 E em quanto segue o ceo, e o rio, e as selvas,
 Crescem-lhe brios, força, — alteia o collo,

Fita orgulhoso a terra, onde não acha,
Nem crê achar quem lhe resista; eis n'isto
Reconhece um dos seos, que pressuroso
Corre a encontral-o, — rapido caminha;
Porém d'istante a instante, d'enfiado
Vólta o pavido rosto, onde se pinta
O susto vil, que denuncia o fraco.

„Ó filho de Jaguar — de longe brada,
Neste aperto nos vale, — eil-os se avanção
Pujantes contra nós, tão bastos, tantos,
Como enredados troncos na floresta.

Tu sempre tremes, Jurucey, tornou-lhe
Com voz tranquilla e magestosa o chefe.
O mel, que em fallas sem cessar distillas,
Tolhe-te o esforço e te enfraquece a vista:
Amigos são talvez, amigas tribus,
Algum chefe, que tem comnosco as armas,
Em signal d'alliança, espedaçado:
Vem talvez festejar o meo triumpho,
E os seos cantores celebrar meo nome.

„Não! não! ouvi o som triste e sonoro
Das ygaras, rompendo a custo as aguas,
Dos remos manejados a compasso,
E os sons guerreiros do boré, e os cantos
Do combate; parece, d'irritado,

Tão grande pezo agora a flor lhe corta,
Que o rio vae sorver as altas margens.“

E são Gamellas? — perguntou lhe o chefe.
„Vi-os, tornou-lhe Jurucey, — são elles!“
O chefe dos Tymbiras dentro d'alma
Sentio odio e vingança remordel-o.
Rugio a tempestade, mas lá dentro;
Cá fóra retumbou, mas quasi extincta.
Começa então com voz cavada e surda.

Irás tu, Jurucey, por mim diser-lhes:
Itajuba, o valente, o rei da guerra,
Fabricador das incansaveis lutas,
Em quanto a maça não sopesa, em quanto
Dormem-lhe as setas no carcaz immoveis,
Off'rece-vos liança e paz; — não ama,
Tigre repleto, espedaçar mais prezas,
Nem quer dos vossos derramar mais sangue.
Tres grandes Tabas, onde heroes pullulão,
Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,
Cahidas a seos pés, a voz lhe escutão.
Vós outros, attendei, — cortai nas mattas
Troncos robustos e frondosas palmas,
E construí cabanas, — onde o corpo
Cahio do rei das selvas, — onde o sangue
D'aquelle heróe, vossa perfidia attesta.
Aquella briga em fim de dois, tamanhos,

Signalai; por que estranho eaminheiro,
 Amigas vendo e juntas nossas tabas,
 E a fé, que usais guardar, sabendo, exclamem:
 Vejo um povo de heróes e um grande chefe!"

Disse: e vingando o cimo d'alto monte,
 Que em roda largo espaço dominava
 O atroador memby soprou com força.
 O tronco, o arbusto, a moita, a rocha, a pedra,
 Convertem se em guerreiros; — mais depressa,
 Quando sôa o clarim, nuncio de guerra,
 Não sopra, e escava a terra, e o ar divide
 Co' as crinas fluctuantes, o ginete,
 Impavido, orgulhoso, em campo aberto.

Da montanha Itajuba os vê sorrindo,
 Galgando valles, combros, serranias,
 Coalhando o ar e o ceo de feios gritos.
 E folga, por que os vê correr tão prestes
 Aos sons do cavo buzio conhecido,
 Já tantas vezes repetidos antes
 Por valles e por serras; já não póde
 Numeral-os, de tantos que se apinhão;
 Mas, vendo-os, reconhece o vulto e as armas
 Dos seos: „Tupan sorri-se lá dos astros,
 Diz o chefe entre si, — lá, descuidosos
 Das folganças de Ibáke, heróes tymbiras
 Contemplão-me, das nuvens debruçados:

E por ventura de lhes ser eu filho
 Enlevão-se, e repetem, não sem gloria,
 Os seus cantores d'Itajuba o nome.

Vem primeiro Jucá de féro aspecto.
 D'uma onça bicolor cae-lhe na fronte
 A pell' vistosa; sob as hirtas cerdas,
 Como sorrindo, alvevão brancos dentes,
 E nas vasias orbitas lampeão
 Dois olhos, fulvos, máos. — No bosque, um dia,
 A traiçoeira fera a cauda enrosca
 E mira nelle o pulo: do tacapé
 Jucá desprende o golpe, e furta o corpo:
 Onde estavam seus pés, as duras garras
 Encravão-se enganadas, e onde as garras
 Morderão, beija a terra a fera exangue
 E, morta, ao vencedor tributa um nome.

Vem depois Jacaré, senhor dos rios,
 Ita-roca indomavel, — Catucába,
 Primeiro sempre no combate, — o forte
 Juçarána, — Poty ligeiro e dextro,
 O tardo Japegoá, — o sempre afflicto
 Piabiba, que espiritos perseguem:
 Mojacá, Moperéba, irmãos nas armas,
 Sempre unidos; ninguém não foi como elles!
 Lagos de sangue derramarão juntos;
 Filhos e paes e mães d'imigas tabas

Odeião-nos chorando, e a gloria d'ambos,
 Assim chorada, mais e mais se exalta:
 Camotim, Pirajá, e outros infindos,
 Heróes tambem, aos quaes faltou somente
 Nação menor, menos guerreira tribu.

Japy, o atirador, quando escutava
 Os sons guerreiros do memby troante,
 Na tesa corda a frecha embebe inteira,
 E mira um javali que os alvos dentes,
 Navalhados, remove; pára, escuta
 Volvem-lhe os mesmos sons: bate-lhe o peito,
 Os olhos pulão, — sólta horrendo grito,
 Arranca e roça a fera! a fera attonita,
 Aterrada, tranzida, treme, erriça
 As duras cerdas; tiritante, pavida,
 Esgazeando os olhos fascinados,
 Recúa: um tronco só lhe embarga os passos.
 Por longo tracto, de si mesma alheia,
 Demora-se, lembrada: acusto o sangue
 Volve de novo ao costumado gyro,
 Em quanto o vulto horrendo se recorda!

„Mas onde está Jatyr? pergunta o chefe,
 Que de balde o procura entre os que o cercão:
 Jatyr, dos olhos negros, que me lusem,
 Melhor que o sol nascendo, dentro d'alma;
 Jatyr, que aos chefes todos anteponho,

Cuja bravura e temerario arrojo
 Fólgo em reger e moderar nos prelios;
 Esse, porque não vem, quando vós vindes?''

— Corre Jatyr no bosque, diz um chefe,
 Bem sabes como: acinte se desgarrar
 Dos nossos, — anda só, talvez sem armas,
 Talvez bem longe; acordo nelle é certo,
 Creio, de nos tachar assim de fracos! —

Pae de Jatyr, Ogib, entrára em annos;
 Grosseiro cedro mal lhe firma os passos,
 Os olhos pouco vêm; mas de conselho
 Valioso e prestante. Alli, mil vezes,
 Havia com prudencia temperado
 O juvenil ardor dos seos, que o ouvião.
 Alheio agora da prudencia, escuta
 A voz que o filho amado lhe crimina.
 Sopra-lhe o diser acre a cinza quente,
 Viva, accesa, antes brasa, — o amor paterno:
 Amor inda tão forte na velhice,
 Como no dia venturoso, quando
 Cendy, que os olhos seos só virão bella,
 Sorrindo luz de amor dos meigos olhos,
 Carinhosa lh'o deo; quando na rede
 Ouvia com praser as ledas vozes
 Dos companheiros seos, — e quando absorto,
 Olhos pregados no gentil menino,

Bem longas horas, sim, porém bem doces
Levou scismando aventuradas sinas.
Alli o tinha, alli meigo e risonho
Aquelles tenros braços levantava;
Aquelles olhos limpidos se abrião
Á luz da vida: candido sorriso,
Como o sorrir da flor no romper d'alva,
Radiava-lhe o rosto: quem julgára,
Quem podera aventar, suppor ao menos
Haverem de apertar-se aquelles braços
Tão mimosos, um dia, contra o peito
Arquejante e cançado, — e aquelles olhos
Verterem pranto amargo em soledade?
Incrível! — porém lagrimas crescerão-lhe
Dos olhos, — lá tombou-lhe uma, das faces
No filho, em cujo rosto um beijo a enxuga.

Agora, Ogib, alheio da prudencia,
Que ensina, imputações tão más ouvindo
Contra o filho querido, acre responde.

„São torpes os anúns que em bandos folgão,
São máos os caitetus, que em varas pascem.
Somente o sabiá geme sosinho,
E sosinho o Condor aos céos remonta.
Folga Jatyr de só viver comsigo:
Em bem, que tens agora que diser-lhe?
Esmaga o seo tacápe a quem vos prende,

A quem vos damna, afoga entre os seos braços,
 E em quem vos accomette, emprega as setas.
 Fraco! não temes ja que te não falte
 O primeiro entre vós, Jatyr, meo filho? “

Despeitoso Itajuba, ouvindo um nome,
 Embora o de Jatyr, apregoado
 Melhor, maior que o seo, a testa enruga
 E diz severo aos dois q'inda argumentão.

Mais respeito, mancebo, ao sabio velho,
 Qu', eramos nós crianças, manejava
 A seta e o arco em defensão dos nossos.
 Tu, velho, mais prudencia. Entre nós todos
 O primeiro sou eu: Jatyr, teo filho,
 È forte e bravo; porém novo. Eu mesmo
 Gabo-lhe o porte e a gentileza; e aos feitos
 Novéis applaudo: bem maneja o arco,
 Vibra certa a frecha; mas (Sorrindo
 Prosegue) afóra delle inda ha quem saiba
 Mover tão bem as armas, e nos braços
 Robustos, afogar fortes guerreiros.
 Jatyr virá, senão serei comvoseo,
 (Disse voltado para os seos, que o cercão)
 E bem sabeis que vos não falto eu nunca.

Altercão elles nas ruidosas tabas,
 Em quanto Jurucey com pé ligeiro

Caminha: as aves docemente atitão,
De ramo em ramo — docemente o bosque
À medo rumoreja, — á medo o rio
Escôa-se e murmura: um borborinho,
Confuso se propaga, — um raio incerto
Dilata-se do sol doirando o occaso.
Ultimo som que morre, ultimo raio
De luz, que treme incerta, quantos entes
Oh! quantos! hão de ver a luz de novo
E o romper d'alva, e os ceos, e a natureza
Risonha e fresca, — e os sons, e os ledos cantos
Ouvir das aves timidas no bosque
Outra vez ao surgir da nova aurora?!

CANTO SEGUNDO.

Desdobra-se da noite o manto escuro:
Leve brisa subtil pela floresta
Enreda-se e murmura, — amplo silencio
Reina por fim. Nem saberás tu como
Essa imagem da morte é triste e torva,
Se nunca, a sós contigo, a presentiste
Longe deste zunir da turba inquieta.
No ermo, sim; procura o ermo e as selvas
Escuta o sôm final, o extremo alento,
Que exhala em fins do dia a natureza!
O pensamento, que incessante vòa,
Vae do som á mudez, da luz ás sombras
E da terra sem flôr, ao ceo sem astro.
Semelha a fraca luz, qu' inda vacilla
Quando, em ledô saráu, o extremo acorde
No deserto salão geme, e se apaga!

Era pujante o chefe dos Tymbiras,
Sem conto seos guerreiros, tres as tabas,

Opimas, — uma e uma derramadas
Em gyro, como dança dos guerreiros.
Quem não folgára de as achar nas mattas!
Tres flores em tres hastes differentes
N'um mesmo tronco, — tres irmãs formosas
Por um laço de amor alli prendidas
No ermo; mas vivendo aventuradas?
Deo-lhes assento o heróe entre dois montes,
Em chã copada de frondosos bosques.
Alli o cajazeiro as perfumava,
O cajueiro, na estação das flores,
De vivo sangue marchetava as folhas:
As mangas, curvas á feição de um arco,
Beijavão-lhes o tecto; a sapucaya
Lambia a terra, — em graciosos laços
Doces maracujás de espessas ramas
Sorrião-se pendentés; o páo d'arco
Fabricava um docel de croceas flores,
E as parasitas de matiz brilhante
A usnea das palmeiras estrellavão!

Quadro risonho e grande, em que não fosse
Em granito ou em marmore talhado!
Nem palacios, nem torres avistaras,
Nem castellos que os annos vão comendo,
Nem grimpas, nem zimborios, nem feitas
Em pedra, que os humanos tanto exaltão!
Rudas palhoças só! que mais carece

Quem ha de ter somente um sol de vida,
 Jasendo negro pó antes do occaso?
 Que mais? Tão bem a dor ha de sentar-se
 E a morte revoar tão sôlta em gritos
 Alli, como nos atrios dos senhores.
 Tão bem a compaixão ha de cobrir-se
 De dó, limpando as lagrimas do afflicto.
 Incertesa voraz, timida esp'rança.
 Desejo, inquietação tambem la morão;
 Que sóbra pois em nós, que falta nelles?

De Itajuba separão-se os guerreiros;
 Mudos, ás portas das sombrias tabas,
 Immoveis, nem que fossem duros troncos,
 Pensativos meditação: Já da guerra
 Nada receião que Itajuba os manda:
 O encanto, os manitôs inda o protegem,
 Vela Tupan sobre elle, e os sanctos piagas
 Comprida serie de floridas quadras
 Ver lhe assegurão: nem de ha pouco a luta,
 Melhor disseras de renome ensejo,
 Os desmentio, que nunca os piagas mentena.
 Medo, certo, não têm; são todos bravos!
 Por que meditação pois? Tambem não sabem!

Sahe o piaga no emtanto da caverna,
 Que nunca humanos olhos penetrarão;
 Com ligeiro sendal os rins aperta,

Cocar de escuras plumas se debruça
Da frente, em que se enxerga em fundas rugas
O tenaz pensamento afigurado.
Cercão-lhe os pulsos cascaveis loquases,
Respondem outros, no tripudio sacro,
Dos pés. Vem magestoso, e grave, e cheio
Do Deos, que o peito seo, tão fraco, habita.
E em quanto o fumo lhe voltaia em torno,
Como neblina em torno ao sol que nasce,
Ruidoso maracá nas mãos sustenta,
Sólta do sacro rito os sons cadentes.

„Visita-nos Tupan, quando dormimos,
E' só por seo querer que então sonhamos;
Escute-me Tupan! Sobre vós outros,
Poder do maracá por mim tangido,
Os sonhos desçãõ, quando o orvalho desce.

„O poder de Anhangá cresce co'a noite;
Sólta de noite o máo seos máos ministros:
Caraibêbes na floresta accendem
A falsa luz, que o caçador transvia.
Caraibêbes enganosas formas
Dão-nos aos sonhos, quando nós sonhamos.
Poder do fumo, que lhes quebra o encanto,
De vós se partãõ; mas Tupan vos olhe,
Descendo os sonhos, quando o orvalho desce.

„Tristonhos pios a acauán desata,
Quando ao guerreiro prognostica males;
Tristonhos bandos de urubús vorazes
Os sonhos turbão das vencidas hostes:
Cheios de medo os manitôs desertão
As tabas mudas, que hão de ser calcadas,
Ja cinza fria, pelo imigo fero.
Não fujão Manitôs as nossas tabas!
Urubús, acáuans nos vossos sonhos,
Virtude e força deste meo tripudio,
Não se vos pintem; mas Tupan vos olhe
Descendo os sonhos, quando o orvalho desce!

„O sonho e a vida são dois galhos gemeos;
São dois irmãos que um laço amigo aperta:
A noite é o laço; mas Tupan é o tronco
E a seve e o sangue que circula em ambos.
Vive melhor quem da existencia ignaro,
Na paz da noite, novas forças cria.
O louco vive com aferro, em quanto
N'alma lhe ondeião do delirio as sombras,
De vida espurias; Deos porém lh'as rompe,
E na loucura do porvir nos falla!
Tupan vos olhe, e sobre vós do Ybake
Os sonhos desçãõ, quando o orvalho desce.“

Assim cantava o piaga merencorio,
Tangia o maracá, dançava em roda

Dos guerreiros: podéra ouvido attento
Os sons finaes da lugubre toada
Na placida mudez da noite amiga
De longe, em côro ouvir: „Sobre nós outros
Os sonhos desçãõ, quando o orvalho desce.“

Calou-se o piaga, ja descansão todos!
Almo Tupan os communique em sonhos,
E os que sabem tão bem vencer batalhas,
Quando acordados malbaratão golpes,
Saibão dormidos figurar triunfos!

Mas que medita o chefe dos Tymbiras?
Bosqueja por ventura ardiz de guerra,
Fábrica e enreda as asperas ciladas,
E a olhos nús do pensamento enxerga
Desfeita em sangue revolver-se em gritos
Morte pavida e má?! ou sente e avista,
Escandecida a mente, o Deos da guerra
Impavido Areski, sanhudo e forte,
Calcar aos pés cadaveres sem conto,
Na dextra ingente sacudindo a maça,
Donde certaíra come o raio, desce
A morte, e banha-se orgulhosa — em sangue?

Al sente o bravo; outro pensar o occupa!
Nem Areskí, nem sangue se lhe antolha,
Nem resolve comsigo ardiz de guerra,

Nem combates, nem lagrimas medita:
 Sentio calar-lhe n'alma um sentimento
 Gelado e mudo, como o véo da noite.
 Jatyr, dos olhos nêgros, onde pára?
 Que faz? que lida? ou que fortuna corre?
 Tres sóes ja são passados: quanto espaço,
 Quanto azar não correo nos amplos bosques
 O improvido mancebo aventureiro?
 Alli na relva a cascavel se esconde,
 Alli, das ramas debruçado, o tigre
 Aferra traiçoeiro a presa incauta!
 Reserve-lhe Tupan mais fama e gloria,
 E voz amiga de cantor suave
 C'os altos feitos lhe embalsame o nome!

Assim discorre o chefe, que em nodoso
 Tronco rudo-lavrado se recosta:
 Não tem poder a noite em seos sentidos,
 Que a mesma ideia de continuo volvem.
 Vela e treme nos tectos da cabana
 A baça luz das resinosas tochas,
 Acres perfumes recendendo; — alastrão
 De rubins côr de brasa a flôr do rio!

„Ouvira com prazer um triste canto,
 Diz la comsigo; um canto merencorio,
 Que este presagio funebre espancasse.
 Bem sinto um não sei quê aferventar-se-me

Nos olhos, que vae prestes expandir-se:
 Não sei chorar, bem sei; mas fôra grato,
 Talvez bem grato! á noite, e a sós commigo,
 Sentir macias lagrimas correndo.
 O talo agreste de um cipó sem graça
 Verte compridas lagrimas cortado;
 O tronco do cajá desfas-se em goma,
 Supira o vento, o passarinho canta,
 O homem chora! eu só, mais desditoso,
 Invejo o passarinho, o tronco, o arbusto,
 E quem, feliz, de lagrimas se paga.“

Longo espaço depois fallou comsigo,
 Mudo e sombrio: „Sabiá das matas,
 Croá (diz elle ao filho d'Yandyroba),
 As mais canoras aves, as mais tristes
 No bosque, a suspirar contigo aprendão.
 Canta, pois que trocára de bom grado
 Os altos feitos pelos doces carmes
 Quem quer que os escutou, mesmo Itajuba.

Emmudeceo: na taba quasi escura,
 Com pé alterno a dança vagarosa,
 Aos sons do maracá, traçava os passos.

„Flôr de belleza, luz de amor, Coema,
 Murmurava o Cantor, onde te foste,
 Tão doce e bella, quando o sol raiava?

Coema, quanto amor que nos deixaste?
 Eras tão meiga, teo sorrir tão brando,
 Tão macios teos olhos! teos accents
 Cantar perenne, tua voz gorgeios,
 Tuas palavras mel! O, romper d'alva,
 Se encantos punha a par dos teos encantos,
 Tentava embalde pleitear contigo!
 Não tinha a ema porte mais soberbo,
 Nem com mais graça recurvava o collo!
 Coema, luz de amor, onde te foste?

„Amava-te o melhor, o mais guerreiro
 D'entre nós: elegeo-te companheira,
 A ti somente, que só tu achavas
 Sorriso e graça na presença delle.
 Flôr, que nasceste no musgoso cedro,
 Cobravas pareas de abundante seiva,
 Tinhas abrigo e protecção das ramas.
 Que vendaval te despegou do tronco,
 E ao longe, em pó, te esperdiçou no valle?
 Coema, luz de amor, flôr de belleza,
 Onde te foste, quando o sol raiava?

„Anhangá rebocou estreita ygara
 Contra a corrente: Orapacên vem nella,
 Orapacên, Tupinambá famoso.
 Conta prodigios d'uma raça estranha,
 Tão alva como o dia, quando nasce,

Ou como a areia candida e lusente,
 Que as aguas d'um regato sempre lavão.
 Raça, a quem os raios promptos servem,
 E o trovão e o relampago acompanhão.
 Já de Orapacên os mais guerreiros
 Mordem o pó, e as tabas feitas cinza
 Clamão vingança em vão contra os estranhos,
 Talvez d'outros estranhos perseguidos,
 Em punição talvez d'atroz delicto.
 Orapacên, fugindo, brada sempre:
 Maír! Maír! Tupan! — Terror que mostra,
 Brados que sólta, e as derrocados tabas,
 Desde Tapuytapéra alto proclamação
 Do vencedor a indomita pujança.
 Ai! não viesse nunca as nossas tabas
 O tapuya mendaz, que os bravos feitos
 Narrava do Maír; nunca os ouviras,
 Flôr de belleza, luz de amor, Coema!

„A cêga desventura, nunca ouvida,
 Nos move á compaixão: prestes corremos
 Com ledo gasalhado a restaural-os
 Da vil dureza do seo fado: dormem
 Nas nossas redes, deligentes vamos
 Colher-lhes fructos, — descancados folgão
 Nas nossas tabas: Itajuba mesmo
 Offrece abrigo ao palrador tapuya!
 Hospedes são, nós diz; Tupan os manda:

Os filhos de Tupan serão bem vindos,
 Onde Itajuba impera! — Ai que não erão,
 Nem filhos de Tupan, nem gratos hospedes
 Os vis que o rio, a custo, nos trouxera;
 Antes dolosa resfriada serpe
 Que ao nosso lar creou vida e peçonha.
 Quem nunca os vira! porêm tu, Coema,
 Leda avesinha, que adejavas livre,
 Azas da côr da prata ao sol abrindo,
 A serpente cruel por que fitaste,
 Se já do olhado máo sentias pejo?!

„Ouvimos, uma vez, da noite em meio,
 Voz de afficta mulher pedir soccorro
 E em tom sumido lastimar-se ao longe.
 Orapacen! — bradou feroz tres vezes
 O filho de Jaguar: clamou de balde.
 Somente acode o echo á voz irada,
 Quando elle o malfeitor no instincto enxerga.
 Em sanhas rompe o chefe hospitaleiro,
 E tenta com affan chegar ao termo,
 Donde as querellas misereras partião.
 Chegou — já tarde! — nós, mais tardos inda,
 Assistimos ao subito espectaculo!

„Queimão-se raros fogos nas desertas
 Margens do rio, quasi immerso em trevas:
 Afadigados no labor nocturno,

Os traiçoeiros hospedes caminhão,
 Pejando á pressa as concavas ygaras.
 Longe, Coema, a doce flôr dos bosques,
 Com voz de embrandecer duros penhascos,
 Supplica e roja em vão aos pés do fero,
 Cavilloso tapuya! Não resiste
 Ao fogo da paixão, que dentro lavra,
 O barbaro, que a vio, que a vê tão bella!

„Vai arrastal-a, — quando sente uns passos
 Rápidos, breves, — volta se: — Itajuba!
 Grita; e os seos, medrosos, receiando
 A perigosa luz, os fogos matão.
 Mas, no extremo clarão que elles soltarão,
 Vio-se Itajuba com seo arco em punho,
 Calculando a distancia, a força e o tiro:
 Era grande a distancia, a força immensa. “

„E a raiva incrível, continúa o chefe,
 A antiga cicatriz sentindo abrir-se!
 Ficou-me o arco em dois nas mãos partido,
 E a frecha vil cahio-me aos pés sem força.“
 E assim disendo nos cerrados punhos
 De novo pensativo a frente opprime.

„Sim, tornava o Cantor, immenso e forte
 Devera o arco ser, que entre nós todos
 Só um achou, que lhe vergasse as pontas,

Quando Jaguar morreo! — partio-se o arco!
 Depois ouviu-se um grito, após ruído,
 Que as águas fasem no tombar de um corpo;
 Depois — silencio e trevas . .

„Nessas trevas,
 Replicava Itajuba, — inteira a noite,
 Louco vaguei, corri d'encontro as rochas,
 Meo corpo lacerei nos espinheiros,
 Mordi sem tino a terra já cançado:
 Soluçavão porêem meos frouxos labios
 O nome della tão querido, e o nome
 Aos vis Tupinambas nunca os eu veja,
 Ou morra, antes de mim, meo nome e gloria
 Se os não hei de punir ao recordar-me
 A aurora infausta que me trouxe aos olhos
 O cadaver . .“ parou, que a estreita gorja
 Recusa aos cavos sons prestar accento.

„Descança agora o pallido cadaver
 (Continúa o cantor) junto a corrente
 Do regato, que volve areias d'ouro.
 Alli agrestes flores lhe matisão
 O modesto sepulcro, — aves canóras
 Descantão tristes nenias ao compasso
 Das águas, que tambem nenias solução.

„Suspirada Coema, em paz descança
 No teo florido e funebre jazigo;

Mas quando a noite dominar no espaço,
 Quando a lúá coar humidos raios
 Por entre as densas, buliçosas ramas,
 Da candida neblina véste as formas,
 E vem no bosque suspirar co'a brisa:
 Ao guerreiro, que dorme, inspira sonhos,
 E á virgem, que adormece, amor inspira“

Calou-se; o maracá rugio de novo
 A extrema vez, e jaz emmudecido.
 Mas no remanso do silencio e trevas,
 Como debil vagido, escutarias
 Queixosa voz, que repetia em sonhos:
 „Veste, Coema, as formas da neblina,
 Ou vem nos raios tremulos da lúá
 Cantar, viver e suspirar commigo.“

Ogib, o velho, pae do aventureiro
 Jatyr, não dorme nos vasios tectos:
 Do filho ausente prendem-no cuidados;
 Vela cançado e triste o pae coitado,
 Lembrando-se desastres que passarão
 Improvidos, no bosque pernoitando.
 E vela, — e a mente afflictta mais se enluta,
 Quanto mais cresce a noite e as trevas crescem!

Ja tarde, sente uns passos apressados,
 Medindo a taba escura; o velho treme,

Estende a mão convulsa, e roça um corpo
Molhado e tiritante: a voz lhe falta
Attende largo espaço, até que escuta
A voz do sempre afflicto Piahiba,
Ao pé do fogo extinto lastimar-se.

„O louco Piahiba, a noite inteira,
Andou nas matas; miserando soffre;
O corpo tem aberto em fundas chagas,
E o orvalho gotejou fogo sobre ellas:
Como o verme na fructa, um Deos maligno
Lhe mora na cabeça, oh! quanto soffre!

„Em quanto o velho Ogib está dormindo,
Vou-me aquecer;
O fogo é bom, o fogo aquece muito;
Tira o soffrer.
Em quanto o velho dorme, não me expulsa
D'ao pé do lar;
Dou-lhe a mensagem, que me deo a morte,
Quando acordar!
Eu vi a morte; vi-a bem de perto
Em hora má!
Vi-a de perto, não me quiz comsigo,
Por ser tão má.
Só não tem coração, dizem os velhos,
E é bem de ver;
Que, se o tivera, me daria a morte,

Que é meo querer.
 Não quiz matar-me; mas é bem formosa;
 Eu vi-a bem:
 É como a virgem, que não tem amores,
 Nem odios tem.
 O fogo é bom, o fogo aquece muito,
 Quero-lhe bem!“

Remexe, assim disendo, as frias cinzas
 E mais e mais conchega-se ao borrarho.
 O velho em tanto, erguido a meio corpo
 Na rede, escuta pavido, e tiritita
 De frio e medo, — quasi igual delirio
 Castiga-lhe as ideias transtormadas.

„Ja me não lembra o que me disse a morte!...
 Ah! sim, já sei!
 — Junto ao sepulcro da fiel Coema,
 Alli serei:
 Ogib empraso, que a fallar me venha
 Ao anoitecer! —
 O velho Ogib hade ficar contente
 Co'o meo diser;
 Talvez que o velho, que viveo já muito,
 Queira morrer!“

Emmudeceo: alfim tornou mais brando.

„Mas dizem que a morte procura mancebos;
 Porém tal não é:

Que colhe as florinhas abertas de fresco
 E os fructos no pé?!
 Não, não, que só ama sem folhas as flores,
 E sem perfeição;
 E os fructos perdidos, que apanha golosa,
 Cahidos no chão.
 Tambem me não lembra que tempo hei vivido,
 Nem por que razão
 Da morte me queixo, que vejo, e não vê-me,
 Tão sem compaixão.“

As ancias não vencendo, que o soçobirão
 Salta da curva rede Ogib afflicto;
 Tremulo as trevas apalpando, topa,
 E roja miserando aos pés do louco.

„Oh! dise-me, se a viste, e se em tua alma
 Algum sentir humano inda se aninha,
 Jatyr, que é feito delle? Disse a morte
 Haver-me cubiçado o moço imberbe,
 A cara luz dos meos cançados olhos?
 O dise-o! Assim o espirito inimigo
 Folgados annos respirar te deixe!“

O louco ouviu nas trevas os soluços
 Do velho, mas seos olhos nada alcanção:
 Pasma, e de novo o seo cantar começa:
 „Em quanto o velho dorme não me expulsa
 D'ao pé do lar.“

— „Mas expulsei-te eu nunca?
Tornava Ogib a desfazer-se em pranto,
Em ancias de transido desespero.
Bem sei que um Deos te mora dentro d'alma;
E nunca houvera Ogib de espancar-te
Do lar, onde Tupan é venerado.
Mas falla! oh! falla, uma só vez repete-o:
Vagaste á noite nas sombrias matas .“

„Silêncio! brada o louco: não escutas?!
E pára, como ouvindo uns sons longinquos.
Depois prosegue: „Piahiba o louco
Errou de noite nas sombrias matas;
O corpo tem aberto em fundas chagas,
E o orvalho gotejou fogo sobre ellas.
Geme e soffre e sente fome e frio,
Nem ha quem de seos males se condôa.
Oh! tenho frio! o fogo é bom, e aquece,
Quero-lhe bem!“

„Tupan, que tudo podes,
Orava Ogib em lagrimas desfeito,
A vida inutil do cançado velho
Toma, se a queres; mas que eu veja em vida
Meo filho, e só depois me colha a morte.“

CANTO TERCEIRO.

Era a hora em que a flôr balança o calix
Aos doces beijos da serena brisa,
Quando a ema soberba alteia o collo,
Roçando apenas o matiz relvoso;
Quando o sol vem doirando os altos montes,
E as ledas aves á porfia trinão,
E a verde coma dos frondosos cerros
Move o perfume, que embalsama os ares;
Quando a corrente meio occulta sôa
De sob o denso veô da parda nevoa,
Quando nos pannos das mais brancas nuvens
Desenha a aurora melindrosos quadros
Gentiz orlados com listões de fogo;
Quando o vivo carmin do esbelto cactus
Refulge á medo abrilhantado esmalte,
Doce poeira de aljofradas gotas,
Ou pó subtil de perolas desfeitas.

Era a hora gentil, filha de amores,
Era o nascer do sol, libando as meigas,

Risonhas faces da lusente aurora!
 Era o canto e o perfume, a luz e a vida,
 Uma só coisa e muitas, — melhor face
 Da sempre vária e bella natureza:
 Um quadro antigo, que ja vimos todos,
 Que todos com praser vemos de novo.

Ama o filho do bosque contemplar-te,
 Risonha aurora, — ama acordar contigo;
 Ama espreitar nos ceos a luz que nasce,
 Ou rosea ou branca, ja carmim, ja fogo,
 Ja timidos reflexos, ja torrentes
 De luz, que fere obliqua os altos cimos.
 Amavão contemplar-te os de Itajuba
 Impavidos guerreiros, quando as tabas
 Immensas, que Jaguar fundou primeiro
 Crescião, como crescem gigantescos
 Cedros nas matas, prolongando a sombra
 Longe nos valles, — e na copa excelsa
 Do sol estivo os abrasados raios
 Parando em vasto leito de esmeraldas.

As tres formosas tabas de Itajuba
 Ja forão como os cedros gigantescos
 Da corrente impedrada: hoje acamados
 Fosseis que dormem sob a terrea crusta,
 Que os homens e as nações por fim sepultão
 No bojo immenso! — Chame-lhe progresso

Quem do exterminio secular se ufana;
Eu modesto cantor do povo extinto
Chorarei nos vastissimos sepulcros,
Que vão do mar aos Andes, e do Prata
Ao largo e doce mar das Amasonas.
Alli me sentarei meditabundo
Em sitio, onde não oição meos ouvidos
Os sons frequentes d'Europeus machados
Por mãos de escravos Afros manejados:
Nem veja as matas arrasar, e os troncos,
D'onde chorando a preciosa goma,
Resina virtuosa e grato incenso
A nossa incuria grande eterno assellão;
Em sitio onde os meos olhos não descubraão
Triste arremedo de longinquas terras.
Aos crimes dos nações Deos não perdôa;
Do pae aos filhos e do filho aos netos,
Por que um delles de todo apague a culpa,
Virá correndo a maldicção — continua,
Como fuzis de uma cadeia eterna.
Virão nas nossas festas mais solemnes
Myriadas de sombras miserandas
Escarneendo, seccar o nosso orgulho
De nação; mas nação que tem por base
Os frios ossos da nação senhora,
E por cimento a cinza profanada
Dos mortos, amassada aos pés de escravos.
Não me deslumbra a luz da velha Europa;

Hade apagar-se, mas que a innunde agora:
 E nós! sucamos leite máo na infancia,
 Foi corrompido o ar que respiramos,
 Havemos de acabar talvez primeiro.

America infeliz! — que bem sabia,
 Quem te creou tão bella e tão sosinha,
 Dos teos destinos máos! Grande e sublime
 Corres de polo a polo entre os dois mares
 Maximos do globo: annos da infancia
 Contavas tu por seculos! que vida
 Não fôra a tua na sazão das flores!
 Que magestosos fructos, na velhice,
 Não deras tu, filha melhor do Eterno;
 America infeliz, ja tão ditosa
 Antes que o mar e os ventos não trouxessem
 A nós o ferro e os cascaveis da Europa?!
 Velho tutor e aváro cubiçou-te,
 Desvalida pupilla, a herança pingue
 E o brilho e os dotes da sem par belleza!
 Cedeste, fraca; e entrelaçaste os annos
 Da mocidade em flôr — ás cans e a vida
 Do velho, que ja pende e ja declina
 Do leito conjugal immerecido
 Á campa, onde talvez cuida encontrar-te!

Tu, filho de Jaguar, guerreiro illustre,
 E os teos, de que então vos occupaveis,

Quando nós vossos mares alinhadas
As náos de Hollanda, os galeões de Hespanha,
As fragatas de França, e as caravellas
E portuguezas náos se abalroavão,
Retalhando entre si vosso dominio,
Qual se vosso não fora? Ardia o prelio,
Fervia o mar em fogo a meia noite,
Nuvem de espesso fumo condensado
Toldava astros e ceos; e o mar e os montes
Acordavão rugindo aos sons troantes
Da insolita peleja! — Vós, guerreiros,
Vós, que fasieis, quando a espavorida,
Fera bravia procurava azilo
Nas fundas matas, e na praia o monstro
Marinho, a quem o mar, ja não seguro
Reparo contra a força e industria humana,
Lançava alheio e pavido na areia?
Agudas setas, validos tacápes
Fabricavão talvez! ai não capellas,
Capellas ennastravão para ornato
Do vencedor; — grinaldas penduravão
Dos alindados tectos, por que vissem
Os forasteiros, que os paternos ossos
Deixando atraz, sem manitôs vagavão,
Os filhos de Tupan como os hospedão
Na terra, a que Tupan não dera ferros!

Rompia a fresca aurora, rutilando
Signaes de um dia limpido e sereno.
Então vinhão sahindo os de Itajuba
Fortes guerreiros a contar os sonhos
Com que Tupan amigo os bafejara,
Quando as estrellas pallidas tombavão,
Já de clarão maior esmorecidas.
Vinhão ledos ou tristes na apparencia,
Timoratos ou cheios de hardimento,
Como o futuro evento se espelhava
Nos sonhos, bons ou máos; mas accordal-os
Disparatados, e o melhor de tantos
Colligir, era missão mais alta.
Não fosse o piaga interprete divino,
Nem os seos olhos penetrantes vissem
O porvir, ao travez do véo do tempo,
Como ao travez do corpo a mente enchergão;
Não fosse, e quem ha hi que se afoutasse
Em campo de batalha a expor a vida,
A vida nossa tão querida, e tanto
Da flôr a vida breve semilhando:
Roaz insecto a vae traçando em gyro,
Nem mais revive uma só vez cortada!

Mande porém Tupan seos gratos filhos,
Rogados sonhos, que os decifra o piaga:
E Tupan, de benigno os influe sempre
Em vesp'ras de batalha, como as chuvas

Descem, quando a terra humores pede,
Ou como, em sação propria, brotão flores.

Postão-se em forma de crescente os bravos:
Avida turba mulheril no emtanto
O rito sacro impaciente aguarda.
Brincão na relva os folgasões meninos,
Em quanto, os mais crescidos, contemplando
O aparato electrico das armas,
Enlevão-se; e, mordidos pela inveja,
Discorrem lá comsigo: Quando havemos,
Nós outros, d'empunhar d'aquelles arcos,
E quando levaremos de vencida
As hostes vis do perfido Gamella!

Vem por fim Itajuba. O piaga austero,
Volvendo o maracá nas mãos myrrhadas,
Pergunta: „Foi o espirito comvosco;
O espirito da força, e os ledos sonhos,
Ministros de Tupan, nuncios da gloria?“
— Sim, forão, lhe respondem, ledos sonhos,
Corréios de Tupan; mas o mais claro,
E' duro nó que o piaga só desata.
„Disei-os pois que vos escuta o piaga.“
Disse, e maneja o maracá: das boccas
Do misterio divino, em puros focos
De neve, o fumo em borbotões golfeja.

Diz um que divagando em matas virgens,
Sentira a luz fugir-lhe de repente
Dos olhos, — se não foi que a natureza,
Por magico feitiço transtornada,
Vestia por si mesma novas gallas
E aspectos novos, — nem as elegantes,
Viçosas trepadeiras, nem as redes
Agrestes do cipó ja divisava.
Em logar da floresta, uma clareira
Relvosa descobria, em vez das arvores
Tão altas, de que havia pouco o bosque
Parecia ufanar-se, — um tronco apenas,
Mas tronco tal que os resumia a todos.

Alli sosinho o tronco agigantado
Luxuriava em folhas verde-negras,
Em flores côr de sangue, e na abundancia
Dos fructos, como nunca os vio nas matas;
Tão alvos como a flôr do mamãozeiro,
De macia pennugem debruados.

„Extatico de os ver alli tão bellos
Taes fructos, que eu algures nunca vira,
O barbaro disia, fui colhendo
O melhor, por que o visse de mais perto.
Pezar de não saber se era salubre,
Anciava gostal-o, e em dura lida
Lutava o meo desejo co'a prudencia.
Venceo aquelle! ai não vencesse nunca!

Nunca, ludibrio vão dos meos desejos,
 Mordessem-n'ò meos labios resequidos.
 Contal-o me arripia! — Mal o tóco,
 Força-me a regeital-o um quê de occulto,
 Que os nervos me estremece: a cauza inquirò ..
 Eis que uma cobra, uma coral, de dentro
 Desdobra o corpo lubrico, e em tres voltas,
 Mal grata armilla, me circunda o braço.
 Da vista e do contacto horrorisado,
 Sacudo o extranho ornato; em vão me agito:
 Com quanto mais affan tento livrar-me,
 Mais apertado o sinto. — Nisto acórdò,
 Humido o corpo e fatigado, e a mente
 Molesta ainda do combate inglorio.
 O que é, não sei; tu sabes tudo, ó piaga:
 Ha hi talvez razão que eu não alcanço,
 Que certo isto não é sonhar batalhas.“

„Haja sentido occulto no teo sonho,
 (Diz ao guerreiro o piaga) eu, que levanto
 O véo do tempo, e aos mortaes o mostro,
 Dirt' o-hei por certo; mas eu creio e tenho^m
 Que algum genio turbou-te a fantasia,
 Talvez angoéra de traidor Gamella;
 Que os Gamellas são perfidos em morte,
 Como em vida — Assim é, diz Itajuba.

Outro sonhou caçadas abundantes,
 Temiveis caitetús, pacas ligeiras,

Coatis e jabotins, — té onça e tigrés,
 Tudo em rimas, em feixes: outro em sonhos
 Nada disto enxergou; porém cardumes
 De peixes varios, que o timbó prestante
 Trasia quasi a mão, se não fechados
 Em mondés espaçosos! — gaudio immenso!
 De os ver alli raivando na estacada
 Tão grandes serubins, trauíras tantas,
 Ou boiando sem tino á flôr das aguas!

„Outros não virão nem mondés, nem peixes,
 Nem aves, nem quadrupedes; mas grandes
 Çamotins transbordando argentea espuma
 Do fervente cauím; e por tres noites
 Gyrar em roda a taça do banquete,
 Em quanto cada qual memora em cantos
 Os feitos proprios: reina o guáu, que passa
 D'estes áquelles com cadencia alterna.

„O piaga exulta! Eu vos auguro, ó bravos
 Do heróe Tymbira (clama entusiasta)
 Leda victoria! Nunca em nossas tabas
 Haverá de correr melhor folgança,
 Nem ganhareis jamais honra tamanha.
 Bem sabeis como é de uso entre os que vencem
 Festejar o triunfo: o canto e a dança
 Marchão de par, — banquetes se preparão,
 E a gloria da nação mais alta brilha!

Oh! nunca sobre as tabas de Itajuba
 Haverá de nascer mais grata aurora!“

Soão festivos gritos, e as pocemas
 Dos guerreiros, que soffregos escutão
 Do piaga os ditos, e o feliz augurio
 Da proxima victoria. Não dissera,
 Quem quer que fosse extranho aos usos delles,
 Senão que por aquella densa pinha
 De vulgo, se espalhára a fausta nova
 De gloriosa acção já consumada,
 Que os seos, validos da victoria, obrarão.

Emtanto Japegoá posto de parte,
 Em quanto lavra em todos o contagio
 Da gloria e do praser, -- bem claro mostra
 No rosto descontente o que medita.
 „Praser que em altos gritos se propala,
 Discorre la comsigo o Americano,
 E'como a chamma rapida correndo
 Nas folhas da pindoba: é falso e breve!“

Attenta nelle o chefe dos Tymbiras,
 Como que interno, igual presentimento
 Regeita, seo máo grado, a voz do piaga.
 „Que pensa Japegoá? Acaso em sonhos
 Tremendo e torvo se lhe antolha o exito
 Da batalha? ou seja, ou não comnosco,
 Que tarda em nos diser seo pensamento?“

„Eu vi“, diz Japegoá (e assim disendo,
 Sacode vezes tres a fronte adusta,
 Onde gravára da prudencia o sello
 Continuo meditar). „Vi altos combros
 De mortos ja pollutos, — vi lagôas
 Brutas de sangue impuro e negrejante;
 Vi setas e carcaz espedaçados,
 Tacápes adentados, ou partidos
 Ou ja sem fio! — vi .“ Eis Catucaba
 Mal soffrido intervem, interrompendo
 A narração do sonhador de males.
 Bravo e hardido como é, nunca a prudencia
 Lhe foi virtude, nem por tal a acceita.
 Nunca o memby guerreiro em seos ouvidos
 Troôu medo, inospito combate,
 Que as armas não corresse o valeroso,
 Intrepido soldado; mais que tudo
 Amava a luta, o sangue, vascas, transes,
 Convulsos arrepios, altos gritos
 Do vencedor, imprecações sumidas
 Do que, vencido, jaz no pó sem gloria.
 Sim, ama e quer o trafego das armas
 Talvez melhor que a si; nem mais risonha
 Imagem se lhe antolha, nem ha cousa
 Que tenha em mais apreço ou mais cubice.
 O p'rígo mesmo, o leite dos combates,
 (Cauim das almas fortes o chamava)
 Era sorte e condão que o electrisava:

Um p'riço que aventasse era feitiço,
Que em delirio de febre o transtornava.
Fanatico de si, ébrio de gloria,
Lá se arrojava intrepido e brioso,
Onde pior, onde mais negro o via.

Não erão dois na esquadra de Itajuba
De genios em mais pontos encontrados:
Por isso em luta sempre. Catucaba,
Fragueiro, inquieto, sempre aventureoso,
Em cata de mais gloria e mais renome,
Sempre á mira de encontros arriscados,
Sempre o arco na mão, sempre embebida
Na corda tesa a frecha equilibrada.
Ninguem mais solto em vozes, mais galhardo
No guerreiro desplante, ou que mostrasse
Atrevido e soberbo e forte em campo
Quer pujança maior, quer mais orgulho.

Japegoá, corajoso, mas prudente,
Evitava o conflicto; via o risco,
Media o seo poder e as posses delle
E o azar da luta e descançava em ocio.
Sua propria indolencia revelava
Animo grande e não vulgar coragem.
Se fosse lá nos paramos da Libia,
Deitado á sombra da arvore gigante
O leão da Numidia bem podéra

Trilhar por junto delle os move-diços
Combros de areia, — amedrontando os ares
Com aquelle bramir agreste e rudo,
Que as feras sem terror ouvir não sabem.
O indio ouvira impavido o rugido,
Sem que o terror lhe distingisse as faces;
E ao rei dos animaes voltando o rosto,
Somente por que mais á geito o visse,
Viras ambos, sombrios, magestosos,
Contemplarem-se á espaço, destemidos;
D'extranhese o leão os seus rugidos
Na gorja suffocar, e a nobre cauda,
Entre medos e assomos de hardimento
Mover de leve e irresoluto aos ventos!

Um — era a luz fugaz facil prendida
Nas plumas do algodão: luz que deslumbra
E que em breve amortece: outro — faisca,
Que surda, pouco e pouco vai lavrando
Não vista e não sentida té que surge
D'um jacto só, tornada incendio e fumo.

„Que viste, diz-lhe o emulo brioso,
Só coalheiras de sangue inficionado,
So tacápes e setas bipartidas,
E corpos ja corruptos?! Eia, ó fraco,
Embora em ocio ignavo aqui descances,
E nos misteres feminis te adextres!

Ninguem te chama á vida dos combates,
Não te almeja ninguem por companheiro,
Nem ha-de o sonho teo acobardar-nos.
É certo que haverá mortos sem conto,
Mas não serenos nós; — setas partidas,
As nossas, não; tacápes amolgados
Mas os nossos verás mais bem talhantes,
Quando houverem partido imigos craneos.

„Heróe, não em façanhas, mas nos dictos,
Lidador que a vilesa d'alma encobres
Com frases descorteses, — ja te virão,
Pendentes braço e armas, contemplando
Os feitos meos, pesar que sou cobarde.
Essa infame tarefa que me incumbes,
É minha, sim; mas por diverso modo:
Não ministro cauím as vossas festas;
Mas na refrega o meo trabalho é vosso.
Da batalha no campo achacs defunctos,
Vossa gloria e brasão, corpos sem conto,
Cujas feridas largas e profundas,
De largas e profundas, denuncião
A mão que as sóe faser com tanto effeito.
Não tenho espaço, onde recolha os ossos,
Não tenho cinto, onde pendure os craneos,
Nem collar onde caibão tantos dentes,
De quantos venci já; por isso inteiros
Lá vol-os deixo, heróes; e vós lá ides,

Em que me não queiraes por companheiros,
 Rivaes dos urubús, fortes guerreiros,
 Facil triumpho conquistar mas trevas,
 Aos vorazes tatús roubando a presa.“

Calou-se. e o vulgo rosna em torno d'ambos,
 D'este ou d'aquelle heróe tomando as partes.
 Pois que? ha-de ficar tamanha affronta
 Impune, e não haveis levar das armas,
 Por que o sangue a desbote e apague inteira?“

Disiãõ, — e a taes ditos mais fermenta
 A raiva em ambos; fasem-lhes terreiro,
 Já verga o arco, já se entesa a corda,
 Já batem pés no solo pulvurento:
 Corrêra o sangue de um, talvez o de ambos,
 Que sobre os dois a morte abraza as azas!

Silencio! brada o chefe dos Tymbiras,
 Interposto severo em meio de ambos;
 De um lado e outro a turba circumfusa
 Emmudece, — divide-as largo espaço,
 De cujo centro gyra os torvos olhos
 O heróe, e só de olhar lhe estende as raias.
 Assim de altivo pincaro descamba
 Enorme rocha, obstruindo o leito
 De um rio caudaloso: as fundas agoas,
 Latindo emvão na rocha volumosa,

Separão-se, cavando novos leitões,
Em quanto o antigo se reseca e abrasa.

Silencio, disse; e em torno os olhos gyra,
Fulgidos, negros: orgulhosas fronteas,
Que aos golpes do tacápe não se dobrão
Em torno sobre o peito vão cahindo
Uma após outra: altivo um só apenas
Rebelde arrosta o olhar! — rapido golpe,
Rapido e forte, como o raio, o prostra
Na arena em sangue! Mosqueado tigre,
Se cae no meio de preás medrosos,
Talvez no primo impulso algum afferra;
Mas vê que foge a turba espavorida,
Vulgacho imbelle! — ao misero que prende
E torce ainda nas compridas garras,
Longe, sem vida, desdenhoso o arroja.

Assim o heróe. Por longo tracto mudo,
Soberbo e grande alfim mostrando o rio,
Quedou sem mais diser; o rio ao longe
As aguas, como sempre, magestosas
Na gorja das montanhas derramava,
Caudal, immenso. „Traz d'aquelles montes,
Diz Itajuba, não sabeis quem seja?
Affronta e nome vil haja o guerreiro,
Que ousa lutas ferir, travar discordias,
Quando o imigo boré tão perto sôa.“

Accorre o piaga em meio do conflicto,
 „Prudencia, ó filho de Jaguar, exclama;
 Nem mais sangue tymbira se derrame,
 Que já não basta por pagar-nos deste,
 Que derramaste, quanto houver nas veias
 Dos perfidos Gamellas. O que ouviste,
 Que o forte Japegoá diz ter sonhado,
 Assella o que Tupan me está disendo
 Cá dentro em mim nos decifrados sonhos,
 Depois que os funestou propinquo sangue.“

„Devoto Piaga (Mojacá prosegue)
 Que vida austera e penitente vives
 Dos rochedos na lapa venerada,
 Tu, dos genios do Ybáke bem fadado,
 Tu face a face com Tupan praticas
 E vês nos sonhos meos melhor qu'eu mesmo.
 Escuta, e dise, ó venerando piaga,
 (Benevolo Tupan teos ditos oiça)
 Angoéra máo turbou-te a phantasia,
 Afflicto Mojacá, teo sonho mente.“

Palavras taes no indio circumspecto,
 Cujos labios emvão nunca se abrirão;
 Guerreiro, cujos sonhos nunca forão,
 Nem mesmo em risco estreito, pavorosos;
 No vulgo frio horror vão trescalando,
 Que entre a crença do piaga, e a deferencia
 Devida a tanto heróe fluctua incerta.

„Eu vi, diz elle, vi em taba imiga
 Guerreiro, como vós, comado e hirsuto!
 A corda estreita do cruento rito
 Os rins lhe aperta: a dura tangapema
 Sobre-está-lhe fatal; — cantos se então
 E a turba dansatriz em torno gyra.
 Sonho não foi, que o vi, como vos vejo;
 Mas não vos direi já quem fosse o triste!
 Se visseis, como eu vi, a fronte altiva,
 O olhar soberbo, — aquella força grande,
 Aquelle riso desdenhoso e fundo
 Talvez um só, nenhum talvez se encontre,
 Que seja para estar no passo horrendo
 Tão seguro de si, tão descaçado!“

Acaso um tronco volumoso e tosco
 De escamas fortes entre si travadas
 Alli perto jazia. Ogib, o velho,
 Pae do errante Jatyr alli sentou-se,
 Alli triste pensava, até que o sonho
 Do afflicto Mojacá veio acordal-o.
 „Tupan! que mal te fiz, que assim me colha
 Do teo furor a seta envenenada?
 Com voz chorosa e tremula clamava.
 Escuto os gabos que só cabem nelle,
 Vejo e conheço o costumado ornato
 Do filho meo querido! isto que fôra,
 A quem tão infeliz como eu não fosse,

Ventura grande, me constringe o peito!
 Conheço o filho meo no que diceste,
 Guerreiro, como a flôr pelo perfume,
 Como o esposo conhece a grata esposa
 Pelas usadas plumas da arassoya,
 Que entre as folhas do bosque a espaços brilha.
 Ai! nunca brilhe a flôr, se hão-de roel-a
 Insectos; nunca vague a linda esposa
 No bosque, se hão-de as feras devoral-a!“

A dor que mostra o velho em todo o aspecto,
 Nas vozes por soluços atalhadas,
 Nas lagrimas que chora, os move a todos
 A triste compaixão; mas mais áquelle,
 Que, antes do pobre pae, já todo angustias,
 Da propria narração se enternecia.
 As querellas de Ogib vólta o rosto
 O fatal sonhador, — que, seo máo grado,
 As setas da afficção tendo cravado
 Nas entranhas de um pae, quer logo o suco,
 Fresco e saudavel, do louvor, na chaga
 Verter-lhe, dondê o sangue em jorros salta.

„Tal era, tão impavido (prosegue,
 Fitando o velho Ogib) o seo desplante
 Qual foi o de Jatyr n'aquelle dia,
 Quando, novél nas artes do guerreiro,
 Circundado se vio á nossa vista

D'imiga multidão: todos o vimos;
 Todos da clara estirpe deslembrados,
 Clamamos tristes, pavidos: „É morto!“
 Elle porém que o arco usar não pode,
 O valido tacápe desprendendo,
 Sacode-o, vibra-o: fere, prostra e mata
 A este, áquelle; e em volumosos feixes
 Accerva a turba vil, lucrando um nome.
 Tapyr, caudilho seo, que não supporta
 Que um homem só e quasi inerme, o cubra
 De tamanho labéo, altivo brada:
 „Cede-me estulto, cede ao meo tacápe,
 Que nunca ameaçou ninguem de balde.“
 E assim disendo vibra crebros golpes,
 Cõ a bruta folha retalhando os ares!
 Um coiro de tapyr, em vez de escudo,
 Rijo e piloso lhe guardava os membros.
 Jatyr, do arco seo curvando as pontas,
 Sacode a seta fina e sibilante,
 Que vara o couro e o corpo e surge fóra.
 Tomba de chofre o indio, e o som da queda
 Remata o som que a voz não rematára.
 Vista a pell' do tapyr, que o resguardava,
 Japy, mesmo Japy lhe inveja o tiro.“

Todo o campo se afflige, todos clamão
 „Jatyr, Jatyr! o forte entre os mais fortes.“
 Ordem não ha; mulheres e meninos

Baralhão-se em tropel: o planto, os gritos
 Confundem se: do velho Ogib emtanto
 Mal se percebe a voz „Jatyr“ gritando.

Itajuba por fim silencio impondo
 Á turba mulheril, e á dos guerreiros
 Mesta batalha: „Consultemos, disse,
 Consultemos o piaga: as vezes pode
 O sancto velho, serenando o ybáke,
 Amigo bom tornar o Deos malquisto.“

Mas ora não! — responde o piaga iroso.
 Só quando ruge a negra tempestade,
 Só quando a furia d'Anhangá fuzila
 Raios do escuro céu na terra afflicta
 Do piaga vos lembraes? Tarda lembrança,
 Tarda e fatal, guerreiros! Quantas vezes
 Não fui, eu mesmo, nos terreiros vossos
 Fincar o sancto maracá? Debalde,
 Debalde o fui, que á noite o achava sempre
 Sem offertas, que aos Deoses tanto prasem!
 Nu e despido o vi, como ora o vedes,
 (E assim disendo mostra o sacrosanto
 Mysterio, que de irado pareceo-lhes
 Soltar mais rouco som no seo rugido)
 Quem de vós se lembrou que o sancto Piaga
 Na lapa dos rochedos se myrrhava
 Á pura mingoa? Só Tupan, que ao velho,

Deo não sentir os dentes aguçados
 Da fome, que por dentro o remordia,
 E mais cruel, passada entre os seus filhos!“

Cegou-nos Anhangá, diz Itajuba,
 Fincado o maracá nos meos terreiros,
 Cegou-nos certo! — nunca o vi sem honras!
 Que se o vira, bom piaga oh! não se diga
 Que um homem só, dos meos, perece á mingoa,
 (Quem quer que seja, quanto mais um Piaga)
 Quando campeão tantos homens d'arco
 Nas tabas de Itajuba, — tantas donas
 Na cultura dos campos adextradas.
 Hoje mesmo farei que ao antro escuro
 Caminhem tantos dons, tantas offertas,
 Que o teo sancto mysterio ha-de por força,
 Quer o queiras, quer não, dormir sobre ellas!“

„Talvez a rica offrenda applaca os Deoses,
 E saudavel conselho a noite inspira!“
 Disse e sem mais diser se acolhe á gruta.

Á caça, ó meos guerreiros, brada o chefe:
 Ledas donzellas ao cauím se appliquem,
 Os meminos á pesca, á roça as donas,
 Eia“ — Ferve o labor, reina o tumulto,
 Que quasi tanto val como a alegria,
 Ou antes, só praser que o povo gosta.

Já deslembados do que ausente chorão
(Favor das turbas que tão leve passas!)
Ledos no peito, ledos na apparencia
Todos se incumbem da tarefa usada.

Trabalho no praser, praser que moras
Dentro de tanto affan! festa que nasce
Sob auspicios tão máos, possa algum genio,
Possa Tupan sorrir-te carinhoso,
E das alturas condoer-se amigo
Do triste, orfão de amor, e pae sem filho!

CANTO QUARTO.

Bem vindo seja o fausto mensageiro,
O melifluo Tymbira, cujos labios
Distillão sons mais doces do que os favos,
Que errado caçador na brenha inculta
Por ventura topou! Hospede amigo,
Ledo nuncio de paz, que o territorio
Pisou de imigas hostes, quando a aurora
Despontava nos céos — bem vindo seja!
Não luz mais brando e grato o romper d'alva
Que o teo sereno aspecto; nem mais doce
A fresca brisa da manhã cicia
Pela selvosa encosta, que a mensagem
Que o chefe imigo e fero anceia ouvir-te.
Melifluo Jurucey, bem vindo sejas
Dos Gamellas ao chefe, Gurupema,
Senhor dos arcos, quebrador das setas,
Das selvas rei, filho de Icrá valente.

Assim comsigo as hostes do Gamella:
Comsigo só, que a usada gravidade

Já na garganta, a voz lhes retardava.
Não veio Jurucey? Posto de frente,
Arco e frecha na mão feito pedaços,
Certo signal do respeitoso encargo,
Por terra não lançou? — Que pois augura
Tal vinda, a não ser que o audaz Tymbira
Melhor conselho toma; e por ventura,
De Gurupema receiando as forças,
Amiga paz lhe off'rece, e em signal della
Do vencido Gamella o corpo entrega?!
Em bem! que a torva sombra vagarosa
Do outrora chefe seo ha-de applacar-se,
Ouvindo a mesta voz das carpideiras,
E vendo no sarcophago depostas
As armas, que no ybáke hão-de servir-lhe,
E junto ao corpo, que foi seo, as plumas
Em quanto vivo, insignias do mando.
Embora ostente o chefe dos Tymbiras
O ganhado tropheo; embora á cinta
Ufano prenda o gadelhudo craneo,
Aberto em crôa, do infeliz Gamella.
Embora; mas porêm amigas quedem
Do Tymbira e Gamella as grandes tabas;
E largo em roda na floresta imperem,
Que o mundo em peso, unidas, affrontarão!

Nascia a aurora: do Gamella as hostes
Em pé, na praia, o mensageiro aguardão

Sisudos, graves. Hum caudal regato,
Cujo branco areial a prata imita,
Serenos allí volvia as mansas aguas,
Como que triste de as levar ao rio,
Que ao mar conduz a rapida torrente
Por entre a selva umbrosa e broncas penhas.
Esta a praia! — em redor troncos gigantes,
Que a folhagem no rio debruçavão,
Onde beber frescor os galhos vinhão,
Luxuriando em viço! — penduradas
Trepadeiras gentiz da coma excelsa,
Estrellando do bosque o verde manto
Aqui, allí, de flores scintillantes,
Meneiavão-se ao vento, como fitas,
De que se ennastra a coma a virgem bella.
Era um prado, uma varzea, um taboleiro
Com mimoso tapiz de varias flores,
Agrestes, sim, nas bellas. Genio amigo
Chegou-lhe só a magica vergasta!
Eil-as a prumo ao longo da corrente
Com requebros louçãos a ennamoral-a!

A nós de embira aos troncos amarradas
Quasi ygaras sem conto figuravão
Ousada ponte no correr das aguas
Por força mais qu'humana trabalhada.

Vê-as e pasma Jurucey, notando
O imigo poderio, e seo máo grado

Vae la eomsgo mesmo discorrendo:
 „Muitos e fortes são nossos guerreiros;
 Muitos, certo, e as nossas tabas fortes,
 Itajuba inveneivel; mas da guerra
 É sempre incerto o azar e sempre vario!
 E ... quem sabe? talvez ... mas nunea, oh! nunca!
 Itajuba! Itajuba! — onde ha no mundo
 Posses que valhão contrastar seo nome?
 Onde a seta que valha derribal-o,
 E a tribu ou povo que os Tymbiras venção?!“

Entre as hostes que a si tinha fronteiras
 Penetra! — tão galhardo era o seo gesto,
 Tão sereno e guerreiro o seo desplante,
 Que os Gamellas em si tão bem disserão:
 — Missão de paz o traga, que se os outros
 São tão feros assim, Tupan nos valha,
 Sim, Tupan; que o não póde o rei das selvas!“

Hospedagem sincera emtanto off'recem
 A quem talvez não tardará buseal-os
 Com fina seta no leal combate.
 Às ygaras o levão pressurosos,
 Servem-lhe o piraken na guerra usado,
 E os loiros dons do eolmeal agreste;
 Servem-lhe amigos sueculento pasto
 Em banquete frugal; servem-lhe taças
 (A ver se mais que a fome o instiga a sede)

De espumoso cauí, — taças pesadas
 Na funda noz da sapucaya abertas.
 Sem temor o tymbira vae provando
 O mel, o piraken, as iguarias;
 Mas dos vinhos cohibe-se prudente.

Em remoto logar forma conselho
 O rei das selvas, Gurupema, em quanto
 Restaura o mensageiro os lassos membros.
 Chama primeiro Caba-oçu valente;
 As rispidas melenas corridias
 Cortão-lhe o rosto, — pendem-lhe nas costas,
 Hirtas e lisas, como o junco em feixes
 Acamados no leito resequido
 D'invernosa corrente. O rosto feio
 Aqui, alli, negreja manchas negras
 Como da bananeira a larga folha,
 Colhida ao romper d'alva, q'uma virgem
 Nas mãos lascivas machucou brincando.

Valente é Caba-oçu; mas sem piedade!
 Como sedenta fera almeja sangue
 E de malvada acção cruel se paga.
 Apresou em combate um seo contrario,
 Que mais imigo tinha entre os imigos:
 Da guerra os duros vinculos lançou-lhe
 E á terreiro o chamou, como é de usança
 Para o triunfo bellico adornado.

Fiserão -lhe terreiro os mais d'entorno :
Elle do sacrificio empunha a maça,
Improperios assaca, vibra o golpe,
E antes que tombe o corpo, afferra os dentes
No craneo fulminado: jorra o sangue
No rosto, e em gorgulhões se expande o cerebro,
Que a fera humana rabida mastiga!
E em quanto limpa á desgrenhada coma
Do sevo pasto o esqualido sobejo,
Barbaras hostes do Gamella torcem,
Á tanto horror, o transtornado rosto.

Vem Jepsiaba, o forte entre os mais fortes,
Tayatu, Tayatinga, Nupançaba,
Tucura o agil, Cravatá sombrio,
Andyra, o sonhador de agouros tristes,
Que elle é primeiro a desmentir co' as armas,
Piréra que jamais não foi vencido,
Itapeba, rival de Gurupema,
Okena, que por si vale mil arcos,
Escudo e defensão dos seos que ampara;
E outros, e muitos outros, cuja morte
Não foi sem gloria no cantar dos bardos.

Guerreiros! Gurupema assim começa,
Antes de ouvir o mensageiro estranho
Consultar-vos me é força; a nós incumbe
Vingar do rei da selva a morte indigna.

Do que morreo, em que lhe seja eu filho,
Estende-se o dezar sobre nós todos,
E a todos nós da gloriosa herança
Cômpete o desaggravo. Se nos busca
O filho de Jaguar, é que nos teme;
A nossa furia por ventura intenta
Voltar a mais amigo sentimento.
Talvez do vosso chefe o corpo e as armas
Com larga pompa nos envia agora:
Basta-vos isto?

Guerra! guerra! exclamão.

Notae porém quanto é pujante o chefe,
Que os Tymbiras dirige. Sempre o segue
Facil victoria, e mesmo antes da luta
As galas triunfaes dispõe seguro.

„Embora, disem uns: outros murmurão,
Que de tão grande heróe qual quer que seja
A offerta expiatoria, em bem, se aceite.
Outros porém, e a maior parte, incertos
Vacillão no conselho. A injuria e grande,
Bem fundo a sentem, mas bem grande é o risco.

„Se o orgulho desce a ponto no Tymbira,
Que pases nos propõe, diz Itapeba
Com dura voz e cavernoso accento,
Já está vencido! — Alguem pensa o contrario

(E com despeito a Gurupema encara)
 Alguem, não eu! Se havemos de barato
 Dar-lhe a victoria, humildes aceitando
 O triste cambio (a ideia só me irrita)
 De um morto por um arco tão valente,
 Aqui as armas vis faço pedaços
 Em breve tracto, e vou-me a ter com esse,
 Que sabe leis dictar, mesmo vencido!“

Como tormenta, que rouqueja ao longe
 E som confuso espalha em surdos echos;
 Como rapida frecha corta os ares,
 Já perto sôa, já mais perto brame,
 Já sobrançeira emfim roncando estala:
 Nasce fraco rumor que logo cresce,
 Avulta, ruge, horrisono rimbomba,
 Okena! Okena! o heróe nunca vencido,
 Com voz troante e procellosa exclama,
 Dominando o rumor, que longe echôa.

„Fujão timidas aves aos lampejos
 Do raio abrasador, — medrosas fujão!
 Mas não será que o heróe se acanhe ao vel-os!
 Itapeba, só nós somos guerreiros;
 Só nós, que a olhos nús fitando o raio,
 Da gloria a senda estreita á par trilhamos.
 Tens em mim quanto sou e quanto valho,
 Armas e braço emfim!“

Eis rompe a densa
Turba que d'entorno d' Itapeba
Formidavel barreira alevantava.

Quadro pasmoso! os dois de mãos travadas,
Serenos a aspecto, placido o semblante,
Á furia popular se apresentavão
De constancia e valor somente armados.
Erão escólhos gemeos, empinados,
Que a furia de um vulcão ergueo nos mares.
Eterno alli serão co'os pés no abysmo,
Cõ os negros cimos devassando as nuvens,
Se outra força maior os não affunda.
Ruge embalde o tufão, embalde as vagas
Do fundo pégo á flôr do mar borbulhão!

Estranha a turba, e pasma o desusado
Arrojo, que jamais assim não virão!
Mas mais que todos Caba-oçu valente
Enleva-se da acção que o maravilha;
E de nobre furor tomado e cheio,
Clama altivo. „Eu tambem serei comvosco,
Eu tambem, que a só mercê vos peço
De haver ás mãos o perfido Tymbira.
Seja, o que mais lhe apraz, invulneravel,
Que d'armas não careço por vencel-o.
Aqui o tenho, — aqui commigo o apérto,
Estreitamente o apérto nestes braços

(E os braços mostra e os peitos musculosos)
Ha-de medir a terra já vencido,
E orgulho e vida perderá co' o sangue,
Arrã soprada, que um menino espoca!“

E bate o chão, e o pé na areia enterra,
Orgulhoso e robusto: o vulgo applaude,
De prazer e rancor soltando gritos
Tão altos, taes, como se alli tivera
Aos pés, rendido e morto o heróe Tymbira.

Por entre os alvos dentes que branquejão,
Ri-se o praser nos labios do Gamella.
Ao rosto a côr lhe sobe, aos olhos chega
Fugaz clarão da raiva que aos Tymbíras
Votou de ha muito, e mais que tudo ao chefe,
Que o espolio paternal mostra vaidoso.

Com gesto senhoril silencio impondo
Alegre aos tres a mão callosa offrece,
Rompendo nestas vozes: „Desde quando
Cabe ao soldado pleitear combates
E ao chefe em ocio vil viver seguro.
Guerreiros sois, que os actos bem n'ó provão;
Mas se vos não apraz ter-me por chefe,
Guerreiro tãobem sou, e onde se ajuntão
Guerreiros, hão-de haver logar os bravos!
Serei comvosco, — disse. E aos tres se passa.

São batidos arcos, rompem gritos
 Do festivo praser, sobe de ponto
 O ruidoso applaudir. Só Itapeba,
 Que ao seu rival deu azo de triunfo,
 Mal satisfeito e quasi irado rosna.

Um Tapuya, guerreiro adventicio,
 Filhado aceso á tribu dos Gamellas,
 Pede attenção, — prestão-lhe ouvidos todos.
 Estranho é certo; porém longa vida
 A velhice robusta lhe autorisa.
 Muito ha visto, soffreo muitos revezes,
 Longas terras eorreo, aprendeo muito;
 Mas quem é, donde vem, qual é seu nome?
 Ninguém o sabe: elle o não disse nunca.
 Que vida teve, a que nação pertence,
 Que azar o trouxe á tribu dos Gamellas?
 Ignora-se tambem. Nem mesmo o chefe
 Perguntar-lh'o se atreve. É forte, é sabio,
 É velho e experiente, o mais que importa?
 Chamem-lhe o forasteiro, é quanto basta.
 Se á caça os aconselha, a eça abunda;
 Se á pesca, os rios eobrem-se de peixes;
 Se á guerra, ai da nação que elle indigita!
 Valem seus ditos mais que valem sonhos,
 E acerta mais que os piagas nos conselhos.

„Maneebo (assim diz elle a Gurupema)
 Já vi o que por vós não será visto,

Immensas tabas, barbaros imigos,
Como nunca os vereis; andei já tanto,
Que o não fareis, andando a vida inteira!
Estranhos casos vi, chefes pujantes!
Tabyra, o rei dos bravos Tobajaras,
Alkindar, que talvez já não exista,
Ipperú, Jeppipó de Mambucaba,
E Konian, rei dos festins guerreiros;
E outros, e outros mais. Pois eu vos digo,
Acção, que eu saiba, de tão grandes Cabos,
Como a vossa não foi, — nem tal façanha
Fiserão nunca, e sei que forão grandes!
Itapeba entre os seos não encontráras,
Que não pagasse com seo sangue o arrojo
De tanto as claras por-se-lhes contrario.
Mas quem do humano sangue derramado
Por ventura se peja? — em que logares
A gloria da peleja horror infunde?
Ninguem, nemhures, ou somente aonde,
Ou só áquelle que ja vio tingidas
Crúas vagas de sangue; e os turvos rios
Mortos por tributo ao mar volvendo.
Vi-as eu, inda novo; mas tal vista
Do humano sangue saciou-me a sede.
Ouví-me, Gurupema, ouvi-me todos:
Da sua tentativa o rei das selvas
Teve por premio o lacrimoso evento:
E era chefe brioso e bom soldado!

Só não pôde soffrer que alguém dicesse
Haver outro maior tão perto d'elle!
A vaidade o cegou! hardida empresa
Commetteo, mas por si: de fóra, e longe
Os seos o virão deslindar seo pleito.
Vencido foi a vossa lei de guerra,
Barbara, sim, mas lei, — dava ao Tymbira
Usar, como elle usou, do seo triumpho.
A que pois fabricar novos combates?
Por que emprehendel-os nós, quando mais justos
Os Tymbiras talvez mover poderão?
Que vos importa a vós vencer batalhas?
Tendes rios piscosos, fundas matas,
Innumeros guerreiros, tabas fortes;
Que mais vos é mister? Tupan é grande:
De um lado o mar se estende sem limites,
Pingues florestas d'outro lado correm
Sem limites tambem. Quantas ygaras,
Quantos arcos houvermos, nas florestas,
No mar, nos rios caberão ás largas:
Por que então batalhar? por que insensatos,
Buscando o inutil, necessario aos outros,
Sangue e vida arriscar em nescias lutas?
Se o filho de Jaguar traser-nos manda
Do chefe desditoso o frio corpo,
Aceite-se se não voltemos sempre,
Ou com elle, ou sem elle, ás nossas tabas,
Ás nossas tabas mudas, lacrimosas,

Que hão -de certo enlutar nossos guerreiros,
Quer vencedores voltem, quer vencidos.“

Do forasteiro, que tão solto falla
E tão livre argumenta, Gurupema
Peza a prudente voz, e alfim responde:
„Tupan decidirá“ — Oh! não decide,
(Como comsigo diz o forasteiro)
Não decide Tupan humanos casos,
Quando imprudente e cego o homem corre
D'encontro ao fado seo: não valem sonhos,
Nem da prudencia meditado aviso
Do atalho infausto a desviar-lhe os passos!“

O chefe dos Gamellas não responde;
Vae pensativo demandando a praia,
Onde o Tymbira mensageiro o aguarda.

Reina o silencio, sentão-se na arena,
Jurucey, Gurupema e os mais com elles.
Amiga recepção, — alli não viras
Nem pompa oriental, nem galas ricas,
Nem armados salões, nem côrte egregia.
Nem regios paços, nem caçoilas fundas,
Onde a cheirosa goma se derrete.
Era tudo singelo, simples tudo,
Na carencia do ornato — o grande, o bello,
Na propria singelesa a magestade.

Era a terra o palacio, as nuvens tecto,
 Columnatas os troncos gigantescos,
 Balcões os montes, pavimento a relva,
 Candelabros a lua, o sol e os astros.

Lá estão na branca areia descãçados.
 Como festiva taça n'um banquete,
 O caximbo de paz, correndo em roda,
 De fumo adelgaçado cobre os ares.
 Almejão, sim, ouvir o mensageiro,
 E mudos são comtudo: não dissera,
 Quem quer que os visse alli tão descuidosos,
 Que ardor inquieto e fundo os anciava.

O forte Gurupema alfim começa
 Após congruo silencio, em voz pausada:
 Saude ao nuncio do Tymbira! disse.
 Tornou-lhe Jurucey: „Paz aos Gamellas,
 Renome e gloria ao chefe seo preclaro!
 — A que vens pois! Nos te escutamos: falla.
 „Todos vós, que me ouvis, vistes boiantes,
 A mercê da corrente, o arco e as setas
 Feitas pedaços, por mim mesmo inuteis.“

„E de t'ó ver folguei; mas quero eu mesmo
 Ouvir dos labios teos quanto imagino.
 Acata-me Itajuba, e de medroso
 Tenta poupar aos seos tristesa e luto?

A flôr das Tabas suas talvez manda
 Traser-me o corpo e as armas do Gamella,
 Vencido, em mal, no desleal combate!
 Pois seja, que talvez não queira eu sangue;
 E do justo furor quebrando as setas
 Mas dise-o tu primeiro Nada temas;
 É sagrado entre nós guerreiro inerme,
 E mais sagrado o mensageiro estranho.“

Treme de pasmo e colera o Tymbira,
 Ao ouvir tal discurso. — Mais sorprezo
 Não fica o pescador, que mariscando
 Vae na maré vasante, quando avista
 Envolto em lodo um tubarão na praia,
 Que reputa sem vida; passa rente,
 E co' as malhas da rede acaso o açoita
 E a desleixo: — feroz o monstro acorda,
 E escancarando as fauces mostra nellas
 Em sete filas alinhada a morte!
 Tal ficou Jurucey, — não de receio,
 Mas de surpresa attonito; — o contrario,
 Que de o ver merencorio não se agasta,
 A que proponha o seo encargo o anima.

„Não ignavo temor a voz me embarga;
 Emmudeço de ver quão mal conheces
 Do filho de Jaguar os altos brios!
 Esta a mensagem que por mim vos manda:

Tres grandes tabas, onde heróes pullulão,
 Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,
 Cahidas a seos pés a voz lhe escutão.
 Não quer dos vossos derramar mais sangue:
 Tigre eevado em carnes palpitanes,
 Regeita a faeil preza; nem o tenta
 De perjuros haver tropheos sem gloria.
 Em quanto pois a maça não sopeza
 Em quanto no carcaz dormem-lhe as setas
 Immoveis — attendei! — cortae no bosque
 Troncos robustós e frondosas palmas
 E novas tabas construi no campo,
 Onde o corpo cahio do rei das selvas,
 Onde empastado inda enrubece a terra
 Sangue d'aquelle heróe que vos infama!
 Aquella briga emfim de dois, tamanhos
 Signalae; por que estranho caminheiro
 Amigas vendo e juntas nossas tabas,
 E a fé que usais guardar, sabendo, exelamem:
 Vejo um povo de heróes, e um grande chefe!“

Em quanto escuta o mensageiro estranho,
 Gurupema, talvez sem que o sentisse,
 Vae pouco e pouco erguendo o corpo inteiro.
 A baça cor do rosto é sempre a mesma,
 O mesmo o aspecto, — a valida postura
 A quem de longe o vé, somente indiea
 Vigor deseommunal, e a gravidade

Que os proprios Indios por incrível notão.
 Era uma estatua, excepto só nos olhos,
 Que por entre as emvão cahidas palpebras
 Clarão funereo derramava emtorno.

„Quero ver que valor mostras nas armas,
 (Diz ao Tymbira, que a resposta aguarda)
 Tu que arrogante, em frases descortes,es,
 Guerra declaras, quando paz off'reces.
 Quebraste o arco teo quando chegaste,
 O meo te off'reço! O quebrador dos arcos
 Nos dons por certo liberal se mostra,
 Quando o seo arco off'rece: julga e pasma!“

E o arco empunha! outro não foi como elle!
 Artifice de nome em seos labores
 Mais de um anno gastára em fabrical-o.
 As pontas levemente recurvadas
 Cabeças de bicephala serpente
 Figuravão, — iguaes no peso e forma:
 Melhor que nenhum outro equilibrado,
 Lavrados os desenhos com tal arte,
 Que sem tirar-lhe a força, mais flexivel,
 Mais pesado o tornavão com mais graça.

Do pejado carcaz tira uma seta,
 Na corda a ageita, — o arco enteza e curva,
 Atira, — sôa a corda, a frecha vôa

Com silvos de serpente. Sobre a copa
 D'uma arvore frondosa descançava
 Ha pouco um cenemby, — frechado agora
 Despenha-se no rio, sopra iroso,
 A cortante serrilha embora erriça,
 Co'a dura cauda embora açoita as aguas;
 A corrente o conduz, e em breve tracto
 O hastil da frecha sobre-nada á prumo.

Podera Jurucey, alçando o braço,
 Poupar acção tão baixa áquelles bosques,
 Onde os guerreiros de Itajuba imperão.
 Immovel, mudo contemplou no rio
 De chofre o cenemby cahir frechado,
 Lutar co'a morte, ensanguentando as aguas,
 Desparecer, — a voz por fim levanta.

„Ó rei das selvas, Gurupema, escuta:
 Tu, que medroso em face d'Itajuba
 Não ousáras tocar o pó que o vento
 Nas folhas dos seos bosques deposita;
 Senhor das selvas, que de longe o insultas,
 Por que me vês aqui sosinho e fraco,
 Fraco e sem armas, onde armado imperas;
 Senhor das selvas (que antes frecha accesa
 Sobre os tectos houvesse arrojado,
 Onde as mulheres tens e os filhos caros)
 Nunca miraste um alvo mais funesto

Nem tiro mais fatal vibraste nunca,
 Com lagrimas de sangue has de choral-o,
 Maldisendo o logar, o ensejo, o dia,
 O braço, o força, o animo, o conselho
 Do delicto infeliz que vae perder-te!
 Eu, sosinho entre os teos que me rodeião,
 Sem armas, entre as armas que descubro,
 Sem medo, entre os medrosos que me cercão,
 Em tanta solidão seguro e ousado,
 Rosto a rosto contigo, e no teo campo,
 Digo-te, ó Gurupema, ó rei das selvas,
 Que és vil, qu'es fraco!

Sibilante frecha

Rompe da turba-multa e crava o braço
 Do ousado Jurucey, qu'inda fallava.

„É seguro entre vós guerreiro inerme,
 E mais seguro o mensageiro estranho!
 Disse com riso mofador nos labios.
 Aceito o arco, ó chefe, e a treda frecha,
 Que vos heide tornar, ultriz da offensa
 Infame, que Aymorés nunca sonhárão!
 Ide, correi, quem vos impede a marcha?
 Vingae esta corrente, não mui longe
 Os Tymbiras estão! — Voltae da empresa
 Com este feito heroico rematado;
 Fugi, se vos apraz; fugi, cobardes!

Vida por gota pagareis meo sangue;
Por onde quer que fordes de fugida
Vae o fero Itajuba perseguir-vos
Por agua ou terra, ou campos, ou florestas;
Tremei! . . .

E como o raio em noite escura
Cegou, desapareceu! De timorato
Procura Gurupema o autor do crime,
E autor lhe não descobre; inquire . . . embalde!
Ninguem foi, ninguem sabe, e todos virão.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).